

Estudo questiona educação bilíngue

PATRÍCIA LAURETTI

patricia.lauretti@reitoria.unicamp.br

Mundo globalizado, educação bilíngue e uma promessa de futuro. As vantagens deste tipo de ensino, voltado para crianças e adolescentes, são enumeradas nas páginas da internet das escolas especializadas. Afirmam como “o ensino infantil bilíngue é uma forma de educação globalizada, que amplia as oportunidades para a criança descobrir caminhos para a sua realização pessoal no futuro”, ou “no mundo globalizado em que vivemos, o inglês se tornou pré-requisito para uma vida sem fronteiras” estão nos sites de várias escolas. O tema despertou o interesse e os questionamentos de André Coutinho Storto em sua dissertação de mestrado intitulada “Discursos sobre bilinguismo e educação bilíngue: a perspectiva das escolas”, defendida no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) Unicamp.

André é professor de inglês e fez a pesquisa em sites de escolas bilíngues particulares em inglês na capital paulista. O objetivo foi tentar investigar como a educação bilíngue é entendida pelas instituições. “Acima de tudo é uma dificuldade avaliar o desempenho dessas escolas, uma vez que não existe regulamentação específica ou monitoramento da educação bilíngue no país”, disse. Ele analisou os textos extraídos de websites buscando elementos que se repetiam, para definir três recortes da pesquisa: a inserção dos estudantes no mundo globalizado, a distinção entre bilinguismo e educação bilíngue e o trânsito entre línguas entre falantes bilíngues.

As escolas bilíngues, que vêm se popularizando no país, têm como objetivo desenvolver a proficiência em duas línguas, que podem ser o português e o inglês ou qualquer outro idioma, por meio do ensino de conteúdos curriculares em ambas as línguas. O problema, segundo o pesquisador, é que muitas escolas partem de uma concepção de línguas como “entidades autossustentáveis e autônomas”, algo que deve ser adquirido pelos alunos, ao invés de encará-las como um recurso comunicativo que se transforma e se molda às necessidades e às práticas dos falantes. Ainda se acredita que os falantes



André Coutinho Storto, autor da dissertação: “O bilinguismo não é uma prerrogativa da educação bilíngue”

bilíngues são a somatória de “dois falantes monolíngues perfeitos”, o que se traduz em um grande equívoco, conforme o pesquisador. “Na própria elaboração do currículo as línguas já são separadas: num período fala-se português, em outro, inglês. Mas a prática mostra que falantes bilíngues podem transitar entre as línguas sem mantê-las separadas dessa forma rígida. Há uma alternância de códigos”. Em comunidades de falantes bilíngues, quando a interação ocorre em ambientes menos “regulamentados”, afirma André, a troca de línguas é constante, até mesmo sem que os interlocutores se deem conta.

Em todo o mundo existem, segundo a pesquisa, menos de 200 países, mas estima-se que o número de línguas faladas oscile entre 6.500 e 7.000. Na maioria dos países se fala bem mais que uma só língua. “As imigrações, diásporas, enfim, a intensificação dos fluxos humanos através das fronteiras geográficas e a disseminação global do inglês são fatores que favorecem o trânsito entre as línguas, misturando-as. O bilinguismo é um fenômeno comum, corriqueiro e sempre foi apagado pelo monolingüismo do ‘Estado-nação’ e sua máquina administrativa”, complementa o autor da dissertação.

André observa que a ideia de língua que temos é a de uma construção histórico-social que foi sendo consolidada ao longo dos sé-

culos. “Parto da perspectiva teórica que tem uma concepção de língua pautada nas práticas discursivas e não naquela que é construída de forma dissociada dos falantes e suas práticas”, ressalta. Assim o bilinguismo pode ser compreendido como algo bem mais complexo porque compreende uma série de práticas discursivas que não são mediadas pelas “línguas nacionais padrão” ensinadas nas escolas.

Daí outro equívoco que é tomar como sinônimo os termos bilinguismo e educação bilíngue, como fazem os sites das escolas. “O bilinguismo não é uma prerrogativa da educação bilíngue. Não se pode considerar bilíngues somente os falantes que estudaram em escolas bilíngues, esquecendo-nos de que há milhões de falantes bilíngues no mundo que jamais participaram de um programa de educação bilíngue”. André acrescenta na dissertação que programas educacionais bilíngues podem levar ao desenvolvimento de habilidades bilíngues em seus alunos, desde que estejam “intimamente relacionadas às práticas sócio-discursivas nas quais os alunos se engajam, especialmente fora do âmbito escolar”.

Novamente as frases dos sites chamam a atenção quando são usados os termos “globalização” ou “mundo globalizado”. Uma escola é apresentada como “um centro de educação que mune os alunos com ferramentas

para atuarem criticamente no mundo globalizado de maneira integral e responsável em dois idiomas”, outra incentiva a participação no atual “mundo globalizado”, uma terceira “visa à formação de pessoas conscientes, críticas e preparadas para participar do mundo globalizado atual”.

O pesquisador achou curioso o fato de o termo “mundo globalizado” aparecer com muito mais frequência do que “globalização”. “Essa ideia de ‘incluir a criança’ no mundo globalizado é falsa, uma vez que elas já estão globalizadas, são os filhos da globalização que nasceram num mundo digital. Tento dissociar essa ideia da escola como mecanismo de inserção. Não é necessário estar em uma escola bilíngue para estar inserido no mundo globalizado”.

Outra questão levantada por André é que talvez o termo “globalização” seja menos utilizado por remeter a um processo enquanto “mundo globalizado” já representa o que está acabado, fechado. O termo “globalização” também traria conotações negativas por lembrar que existem os que estão à margem, os excluídos, pelos próprios processos de globalização, dos benefícios que ela traz.

Para o autor da dissertação qualquer língua é um instrumento de construção do mundo e as escolas bilíngues tem seu lugar à medida que “todos os envolvidos na elaboração, implementação e desenvolvimento destes programas estejam atentos não só às mudanças relacionadas aos usos das línguas na modernidade tardia como à constituição híbrida das identidades e habilidades dos falantes bilíngues”.

Publicação

Dissertação: “Discursos sobre bilinguismo e educação bilíngue: a perspectiva das escolas”

Autor: André Coutinho Storto

Orientadora: Terezinha de Jesus Machado Maher

Unidade: Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)

Jogando luz na física para crianças

PATRÍCIA LAURETTI

patricia.lauretti@reitoria.unicamp.br

Quando uma criança de apenas quatro anos afirma categórica que “luz é energia” o que a professora faz? Em primeiro lugar ela escuta, depois questiona: energia de onde? Que tipo de energia? O educador ouve as crianças para então mediar o processo de aprendizagem. Essa atenção, muitas vezes rara nas escolas, foi fundamental para o desenvolvimento do projeto “Brincando com a Luz” com crianças de 3 a 5 anos do Centro de Educação Infantil Nair Valente da Cunha, no bairro Jardim Santa Lúcia, em Campinas. A professora Karina Calça Mandaji, que trabalha na rede municipal de ensino, tinha como objetivo apresentar conceitos de física para os pequenos. O projeto fez parte de sua dissertação de mestrado, apresentada na Faculdade de Educação (FE) da Unicamp.

“O projeto nasceu de uma inquietação de como as professoras de educação infantil ensinam ciências, geralmente trabalhando apenas alguns conceitos de biologia e geometria.” Percebendo a lacuna, a professora decidiu que levaria para os alunos conceitos de ótica geométrica, mas de outra maneira.

O projeto “Brincando com a luz”, no qual a autora da pesquisa se baseou, foi originalmente proposto pelo professor Fernando Jorge da Paixão Filho, do Instituto de Física (IFGW) da Unicamp, seu coordenador, e é direcionado para professores. Neste projeto há um conjunto de atividades previamente formuladas. A pesquisa modificou parcialmente as atividades ou acrescentou outras, buscando atender melhor os interesses e envolvimento das crianças.

Foram elaboradas onze atividades, que envolvem os conceitos do que é luz; o movimento da luz; a sombra; a reflexão da luz; a visão; projeções espaciais e perspectiva. Karina elaborou um diário de campo, gravou áudios e vídeos das crianças realizando as atividades e discutindo coletivamente. Cada atividade foi também registrada pelas crianças com desenhos que compuseram um livro do projeto.

Trabalhar os fenômenos da luz já é parte do currículo da educação infantil, está no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), de acordo com Karina. O problema é que não há quase material pedagógico ou mesmo pesquisas voltadas para esse período escolar.



Karina Calça Mandaji, autora da dissertação: “Aprendi a atentar-me para as falas dos alunos”

A turma de 25 crianças começou a refletir e debater. A primeira dificuldade que Karina observou foi que as crianças não conseguiam explicar o fenômeno da luz e estabelecer relações. Em uma das atividades ela teve a ideia de montar uma cabana escura na sala. “Eles sugeriram uma lanterna para iluminar dentro da cabana e assim traçamos um objetivo que era descobrir o tema de um desenho colocado dentro da cabana”.

Desse modo, com uma brincadeira muito simples, a professora conseguiu mostrar que a luz tinha que ser direcionada ao objeto, e que isso dependia de um ângulo. “As crianças foram entendendo que a luz se espalha, que há a absorção da luz, fontes de luz, mas com outras palavras”. Pratos foram usados para explicar conceitos de opacidade e transparência e um projetor serviu para as atividades de sombras.

ARGUMENTAÇÃO

Uma preocupação da pesquisa foi analisar se as crianças argumentavam de fato ou apenas lançavam informações. Observando e mediando as conversas, Karina conseguiu que as crianças comessem a ouvir melhor para depois elaborarem suas respostas aos questionamentos. “O professor tem papel fundamental na argumentação em sala de aula e deve intervir dando oportunidades aos alunos para que argumentem sobre a problemática apresentada”.

Com o tempo as crianças avançaram. Suas hipóteses foram submetidas à prova, fazendo com que adquirissem novas práticas de linguagem através da argumentação. “Construir argumentos é um ato social de mediação de ideias e conhecimento, é uma habilidade aprendida. É importante que o professor pense em atividades e contextos que permitam a argumentação das crianças. Ele cria a polêmica através dos problemas propostos, conduzindo a resposta da turma a interesses específicos”.

As crianças ficaram mais atentas e questionadoras, acentuou a autora. “Elas terão mais facilidade para aprender ciência, uma vez que já têm os conceitos base”. Karina também percebeu uma mudança nos alunos, que agora já conseguem, segundo ela, estabelecer relações nas ciências e argumentar. “Esse incentivo contribui para que elas passem a identificar padrões, discriminar dados e construir hipóteses”, afirma a autora.

Nas considerações finais da dissertação Karina complementa que ela também mudou com o desenvolvimento do projeto. “Aprendi a atentar-me para as falas dos alunos, compreender que nem tudo que eu considero interessante desperta o interesse das crianças”.

Publicação

Dissertação: “Projeto ‘Brincando com a luz’ na Educação Infantil”

Autora: Karina Calça Mandaji

Orientador: Jorge Megid Neto

Unidade: Faculdade de Educação (FE)